



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA**

MARTA ARAÚJO PALITOT

**A AGRESSIVIDADE NA INFÂNCIA: PRÁTICAS DAS PROFESSORAS DA
EDUCAÇÃO INFANTIL DIANTE DO COMPORTAMENTO AGRESSIVO DA
CRIANÇA**

**GUARABIRA-PB
2021**

MARTA ARAÚJO PALITOT

**A AGRESSIVIDADE NA INFÂNCIA: PRÁTICAS DAS PROFESSORAS DA
EDUCAÇÃO INFANTIL DIANTE DO COMPORTAMENTO AGRESSIVO DA
CRIANÇA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de licenciatura plena em Pedagogia.

Área de concentração: Fundamentos da Educação e formação docente

Orientadora: Prof^ª. Ma. Arilane Florentino Félix de Azevêdo

**GUARABIRA -PB
2021**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

P162a Palitot, Marta Araújo.

A agressividade na infância [manuscrito] : práticas das professoras da educação infantil diante do comportamento agressivo da criança / Marta Araújo Palitot. - 2021.

46 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades , 2021.

"Orientação : Profa. Ma. Arilane Florentino Félix de Azevêdo , Coordenação do Curso de Pedagogia - CH."

1. Agressividade infantil. 2. Criança. 3. Práticas pedagógicas. 4. Formação de professores. I. Título

21. ed. CDD 372.24

MARTA ARAÚJO PALITOT

**A AGRESSIVIDADE NA INFÂNCIA: PRÁTICAS DAS PROFESSORAS DA
EDUCAÇÃO INFANTIL DIANTE DO COMPORTAMENTO AGRESSIVO DA
CRIANÇA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de licenciatura plena em Pedagogia.

Área de concentração: Fundamentos da Educação e formação docente

Aprovada em: 28/05/2021.

BANCA EXAMINADORA

Arilane Florentino Félix de Azevêdo

Prof^ª. Ma. Arilane Florentino Félix de Azevêdo (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Mônica de Fátima Guedes de Oliveira

Prof^ª. Ma. Mônica de Fátima Guedes de Oliveira
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Sheila Gomes de Melo

Prof^ª. Ma. Sheila Gomes de Melo
Instituto Federal da Paraíba (UEPB)

Dedico este trabalho a todos os profissionais de educação em especial as educadoras da Educação infantil, que muitas vezes se angustiaram, por não conseguir lidar diante do comportamento agressivo da criança.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente ao meu Deus, pelo dom da vida e por seu imenso amor por mim. Agradeço a ele sua misericórdia, por permitir que eu chegasse até aqui, por me dá força e sabedoria para caminhar e enfrentar as adversidades me fazendo vencedora.

Ao meu amado esposo Kerly Palitot, por ser meu incentivador desde o início do curso, sempre me apoiando em minhas decisões e não me deixando desistir, por sua paciência inesgotável comigo e com nossos filhos. Pelo seu cuidado paterno, cuidou de nossos filhos enquanto eu precisava estudar, nas minhas angustias não me deixou desanimar sempre me acalmando com suas palavras de carinho e conforto. Sou grata ao Senhor por ter você em minha vida. Te amo!

Ao filho Kerly Júnior e minha filha Maria Laura, que não deixaram de me amar mesmo quando não pude lhes dá atenção e carinho nos momentos que precisavam, tendo que me afastar para estudar, deixando aos cuidados do pai ou avó. Mamãe ama vocês mais que tudo!

Aos meus pais Lucas e Nena, por me ensinarem o caminho certo a seguir, em especial a minha mãe que sempre esteve comigo me ajudando quando eu mais precisava, cuidando dos meus filhos enquanto eu estava na universidade, sempre me apoiando e não me deixou desistir. Obrigada mãe te amo!

As minhas irmãs Kelly e Débora, pelo amor e cuidado com meus filhos, pela amizade e carinho comigo, amo vocês!

As minhas queridas amigas que o curso me presenteou, Ellem, Fernanda e Silvana, que riram e choraram comigo, me ajudando e me incentivando jamais esquecerei de tudo que fizeram por mim, pelo apoio que me deram na construção deste trabalho tirando minhas dúvidas e me orientando, nos dias de angustia e medo de não conseguir, me dando força e acreditando que eu era capaz! Construimos uma amizade verdadeira que levarei pra sempre comigo, vocês são presentes de Deus em mina vida, obrigada por tudo amigas sentirei saudades dos momentos de alegrias que vivenciamos durante esses quase cinco anos de curso. Amo vocês para sempre!

As queridas educadoras que marcaram minha trajetória durante o curso, mencionarei algumas, pois a lista é extensa, Aline de Fátima, Camila Matos, Débora Fernandes, Lívia Maria, Verônica Pessoa, dentre outros que ficaram guardadas em minha memória, vocês contribuíram muito para a construção do meu conhecimento e minha formação.

Ao aluno João que me motivou a fazer a pesquisa para este trabalho, a partir das experiências vivenciadas na turma do Jardim II da creche Criança Feliz, um momento de muito aprendizado construído durante nossa intervenção naquela instituição escolar. O guardarei sempre em meu coração!

A professora da turma do jardim II Márcia, por contribuir com suas experiências, e práticas pedagógicas, que me levou a pesquisar sobre o tema do trabalho.

Em especial a minha querida Orientadora Arilane Florentino, que tanto admiro e tenho um carinho enorme. Por contribuir na realização desse trabalho, por me compreender nos momentos de angústias, me incentivando a continuar, jamais esquecerei do seu apoio e paciência comigo. Obrigada por tudo Flor!

A minha cunhada Rosy, pela orientação e ajustes do trabalho, obrigada amore!

Ao Programa Institucional de bolsas de Iniciação à Docência-PIBID quando na oportunidade, participei do programa, surgindo a proposta de pesquisa para este trabalho.

A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior- CAPES, pela proposta de incentivo aos discentes acadêmicos.¹

¹ Usaremos nomes fictícios para o aluno e a professora turma onde a pesquisa foi realizada.

“As crianças são investidas de poderes não conhecidos, que podem ser as chaves de um futuro melhor”.

-Maria Montessori

RESUMO

Ao abordar o tema a agressividade na infância e as práticas dos/as professores/as de educação infantil diante do comportamento agressivo das crianças. É preciso considerar que a agressividade é um fenômeno natural do ser humano a partir da teoria winnicottiana. Atualmente educadores/as enfrentam com muita dificuldade o desafio de lidar com o comportamento agressivo infantil, tendo em vista a carência de uma formação condizente. Diante do exposto elaboramos como problema de pesquisa o seguinte questionamento: como a falta de formação docente pode impactar nas relações interpessoais em sala de aula na Educação Infantil? Para tanto, este trabalho objetivou: analisar as práticas docentes diante do comportamento agressivo das crianças. Especificamente objetivamos perceber as causas da agressividade infantil e discutir a formação continuada e sua importância. A pesquisa foi realizada na Creche criança feliz na turma do jardim II, na oportunidade foram realizadas intervenções pedagógicas, contribuindo no processo de ensino e aprendizagem do educando. Para nortear teoricamente a pesquisa utilizamos como base alguns autores/as que tratam sobre esta temática. Winnicott (1982), Lataro (2013), Godoy (1995), Aragão (2017), Luz (2008), dentre outros/as. Nossa pesquisa se caracteriza como pesquisa-ação com estratégia de pesquisa qualitativa. Consideramos que é de suma importância que o profissional de educação, receba uma formação específica, para que possa compreender as características da agressividade infantil, promovendo condições que contribua para o desenvolvimento e aprendizagem da criança.²

Palavras-Chave: Agressividade infantil. Criança. Práticas pedagógicas. Formação de Professores.

² Nome fictício da creche pesquisada.

RESUMEN

Al abordar el tema de la agresividad en la infancia y las practicas de los profesores/as de educación infantil ante el comportamiento agresivo de los niños. Es necesario considerar que la agresividad es un fenomeno natural del ser humano a partir de la teoria Winnicottiana. Actualmente educadores/as enfrentan con mucha dificultad el desafio de lidiar con el comportamiento agresivo infantil,teniendo en cuenta la falta de formación adecuada. Ante el expuesto elaboramos como problema de investigación el siguiente cuestionamiento:como la falta de formación docente puede impactar en las relaciones interpersonales en el aula de la Educación Infantil? Por lo tanto,el objetivo de este trabajo:analizar las practicas docentes ante el comportamiento agresivo de los niños.Específicamente priorizamos percibir las causas de la agresividad infantil y discutir la formación y su importancia. La investigación fue realizada en la guarderia niño feliz en el grupo del jardin II en esa oportunidad fueron realizadas intervenciones pedagogicas,contribuyendo al proceso de aprendizaje y enseñanza del educando. Para orientar teoricamente la investigación utilizamos como base algunos autores/as que tratan sobre esa tematica. Winnicott(1982),Lataro(2013),Godoy(1995),Aragão(2017),Luz(2008),entre otros/as . Nuestra tarea es una investigación con estrategia de busqueda cualitativa. Consideramos que es de suma importancia que el profesional de la educación reciba una formación especifica,para que pueda comprender las características de la agresividad infantil,promoviendo condiciones que contribuyan para el desenvolvimiento y aprendizaje del niño.

Palabras-Llave: Agresividad infantil. Niño. Practicas pedagógicas. Formación de Profesores.

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| INTRODUÇÃO..... | 10 |
| 1 A AGRESSIVIDADE INFANTIL..... | 12 |
| 1.1 A agressividade infantil: concepções psicológicas a partir das discussões de Winnicott | 12 |
| 1.2. Contextualizando a agressividade e o desenvolvimento infantil | 13 |
| 2. O OLHAR DA ESCOLA DIANTE DO COMPORTAMENTO AGRESSIVO DA CRIANÇA NA EDUCAÇÃO INFANTIL..... | 16 |
| 2.1 O desenvolvimento da agressividade infantil na escola..... | 17 |
| 2.2 Escola e família intervindo no comportamento agressivo da criança no ambiente escolar | 20 |
| 2.3 A formação docente e a prática pedagógica diante do comportamento agressivo da criança | 22 |
| 3 PERCURSO METODOLÓGICO | 26 |
| 3.1 Contexto da pesquisa..... | 27 |
| 3.2 <i>Lócus</i> da pesquisa..... | 34 |
| 3.3 Sujeitos da pesquisa | 34 |
| 3.4 Coleta do material empírico | 35 |
| 4 ANÁLISE DO MATERIAL EMPÍRICO | 36 |
| 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS | 40 |
| REFERÊNCIAS | 43 |

INTRODUÇÃO

A agressividade infantil que muitas vezes é tida como algo negativo pela sociedade em geral, para a Psicologia é entendida como algo natural do ser humano, pois é parte do desenvolvimento emocional. Desde a sua formação uterina e os seus primeiros meses de vida, a criança já manifesta algum tipo de comportamento agressivo, como por exemplo, morder, beliscar, chutar, jogar objetos, entre outros Winnicott (1982). Para o docente, a agressividade é um desafio complexo, pois em muitos casos o profissional não recebe formação específica para lidar com esse comportamento em sala de aula, por isso, é de suma importância uma boa articulação entre família e escola afim de controlar os impulsos agressivos, através do reconhecimento dos motivos que levam o aluno a apresentar esse comportamento.

Reconhecendo a importância dessa temática, este trabalho visa analisar as práticas docente e o enfrentamento às manifestações de agressividade dos alunos em sala de aula na experiência vivenciada durante o estágio no Programa de Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID no período entre outubro de 2018 a janeiro de 2020. As intervenções escolares ocorreram na Creche Criança Feliz localizada no município de Cuitegi-PB na turma do Jardim II, nas quais foi possível analisar a temática em questão.

A pesquisa tem por questão norteadora a seguinte pergunta: como a falta de formação docente pode impactar nas relações interpessoais em sala de aula na Educação Infantil? Frente ao questionamento levantado, temos como objetivo geral analisar as práticas docentes no enfrentamento da agressividade infantil, tendo em vista a realidade sociocultural dos alunos, e como objetivos específicos, perceber as causas da agressividade infantil; discutir a importância da formação continuada e destacar a importância da família para a agressividade infantil.

A criança agressiva é aquela não somente que bate, grita e chuta, mas também a criança apática, que não interage com o grupo. “(...) essa criança poderá sofrer de forma silenciosa e assim reprimir essa agressividade de modo, muitas vezes, a se afastar do convívio social” (SANTOS 2008, p.5). A agressividade é desencadeada por uma série de fatores dentre eles a má estruturação familiar, o desenvolvimento dos esquemas cerebrais ainda em construção, ambientes novos e pessoas desconhecidas. Um fator ainda que nos chama bastante atenção é o estágio do desenvolvimento infantil que segundo as teorias de Piaget, até os sete anos a criança está numa fase egocêntrica, na qual ela é o centro das ações, portanto ao receber respostas negativas aos seus desejos os impulsos agressivos tendem a surgir.

A escola neste cenário tem o papel de oferecer formação continuada ao professor(a) a fim de o instruir a lidar com as situações de agressividade. Visto que as situações analisadas ocorreram numa instituição de educação infantil, ressaltamos que é a educação infantil marco inicial e primordial para o desenvolvimento das habilidades motoras e gráficas das crianças devendo nessa fase do ensino ser feito de forma lúdica, a fim de envolver o aluno nas atividades promovendo uma educação de qualidade.

O trabalho foi construído a partir das experiências vividas no PIBID, desta forma a pesquisa caracteriza-se como qualitativa em educação, sendo utilizado como método de coleta de dados a pesquisa-ação que permite a autorreflexão acerca de nossa prática em sala de aula. Para embasar nossa pesquisa foram utilizados diversos autores, tais como, Winnicott (1982), Lataro (2013), Godoy (1995), Aragão (2017), Scherer (2011), Luz (2008) entre outros.

A importância deste trabalho para a comunidade se encontra no reconhecimento das dificuldades enfrentadas pela educadora em lidar com a agressividade infantil, necessitando de apoio da família e gestão escolar, bem como fomentar a discussão acerca do tema no contexto acadêmico. Portanto este trabalho de conclusão de curso busca colaborar com a construção de novos caminhos para lidar com a agressividade infantil em sala de aula.

O trabalho está dividido em Introdução, capítulo I abordando as dimensões da agressividade infantil, o capítulo II traz discussões sobre o papel da escola, a formação continuada do professor e o papel da família no combate a agressividade, no capítulo III são esclarecidos os caminhos metodológicos da pesquisa que incluem o lócus, objeto e sujeitos da pesquisa. No capítulo IV são apresentados os resultados dos dados obtidos no campo de pesquisa e no capítulo V são apresentadas as considerações finais a partir das reflexões feitas durante o trabalho. Em seguida são expostos Referências.

1 A AGRESSIVIDADE INFANTIL

Neste capítulo discutimos sobre a agressividade infantil. Este capítulo é dividido em dois tópicos, sendo o primeiro abordando as discussões a partir das leituras de Winnicott acerca da agressividade e o segundo aborda as implicações da agressividade para desenvolvimento infantil, além de abordar o papel da família nesse desenvolvimento.

1.1 A agressividade infantil: concepções psicológicas a partir das discussões de Winnicott

Para entendermos melhor sobre a agressividade infantil, sabemos que ela parte de um pressuposto de que o ser humano, já traz consigo estes comportamentos desde a sua formação uterina, e a partir de seus primeiros meses de vida elas apresentem algum tipo de agressividade mesmo que involuntariamente, seja ela o morder, o beliscar e outros. Nas discussões realizadas por Luz (2008) acerca das teorias Winnicottianas, a autora explica que nesta fase as crianças começam a perceber seu modo de defesa através de seus impulsos sejam eles agressivos ou não, na infância a agressividade é tida como um impulso comum nos primeiros anos de vida.

Freud afirma que o ser humano nasce com um conjunto desorganizado de pulsões, instintos, capacidades perceptivas e motoras que conforme progride o desenvolvimento vão se integrando, até alcançar uma imagem unificada de si e do mundo externo, enquanto Winnicott afirma que estas funções infantis se dão por meio das experiências correlacionais concretas, para isso ele desenvolveu a teoria anti-social. Essa teoria foi desenvolvida enquanto o autor trabalhou num lar para crianças resgatadas da segunda guerra, ditas difíceis, esta teoria é vista por ele como uma busca por estabilidade emocional. Este posicionamento é considerado até a atualidade de grande importância para as discussões sobre a agressividade, de acordo com o exposto por Luz (2008).

Segundo a teoria apresentada, o autor conceitua a agressividade como emocional, portanto o ser humano irá reagir a partir de suas relações com o outro e o ambiente, desde sua formação. A criança tende a apresentar esses comportamentos até se construir no seu mundo.

Uma criança pode tender para a agressividade e outra dificilmente revelará qualquer sintoma de agressividade desde o princípio; todavia, cada uma delas tem o mesmo problema trata-se simplesmente, de que as duas crianças estão manobrando de maneira distintas suas respectivas cargas de impulsos agressivos (WINNICOTT, 1982, p.263)

O comportamento apático também pode ser visto como agressivo, um momento em que ela se recusa a interagir com o grupo, não participa das atividades da escola, isto, pode ser uma forma de manifestar que algo está errado. Crianças agressivas não irão apresentar apenas o ato agressivo, apatia também pode ser um determinante desse comportamento.

1.2. Contextualizando a agressividade e o desenvolvimento infantil

Muitas vezes compreendemos que os impulsos agressivos da criança se trata de algo negativo, e não percebemos que esse impulso pode ser um ponto positivo para seu desenvolvimento. Já parou para pensar a importância da agressividade para o desenvolvimento infantil? Pois é, algo que muitas vezes não levamos em consideração acerca da importância para seu desenvolvimento, a agressividade é uma característica normal em fase inicial para o desenvolvimento humano. Winnicott (1982), explica que esta fase da criança se denomina como agressividade primitiva ou primária, pois fazem parte de seu desenvolvimento, seja ele um comportamento agressivo ou apenas impulsos que muitas vezes são caracterizados como agressões.

A agressividade infantil é vista principalmente pelos pais como algo ruim e desagradável, por não compreenderem tal comportamento e os fatores causadores, reagem com impassibilidade diante da agressão do seu filho contribuindo para que aquele comportamento seja ainda mais severo e constante. Assim podemos compreender que a agressividade infantil é caracterizada por diversos fatores que rodeiam seu desenvolvimento enquanto ser humano.

Sabe-se que a influência familiar tem um papel muito forte com relação a personalidade da criança e seu comportamento, seja ele agressivo ou não, os filhos se espelham no comportamento de seus pais, pois o modelo de comportamento que eles apresentam tem grande domínio sobre o desenvolvimento da agressividade dos filhos de acordo com as discussões apresentadas por Bazi (2003). É fundamental que a criança possa ter um apoio familiar para sentir-se segura vindo a expressar-se de maneira positiva.

Podemos perceber que crianças carentes, órfãos de cuidados maternos ou parentais apresentam comportamentos agressivos essa seria uma maneira de expressar seu sofrimento e angústia. Segundo Maia e Vilhena (2003, *apud* SANTOS, p.4) “[...] a base do comportamento agressivo encontra-se inicialmente nos pilares parentais, na falha das funções maternal e paternal”, por isso é muito importante que tenham um ambiente familiar seguro, que lhe dê amparo e confiança e seja estabelecida uma relação de carinho e respeito, para que ela expresse um comportamento positivo.

A carência de atenção e cuidados são um dos fatores mais relevantes do comportamento agressivo na infância. Compreendemos que o comportamento agressivo infantil faz parte de seu desenvolvimento e que as crianças pequenas não se percebem como pessoa, portanto não compreendem seus atos. Explica Winnicott (1982), a agressividade não é sinônimo de violência, mas sim um momento de desenvolvimento da infância, um movimento da criança de voltar-se para fora e agir sobre o ambiente.

Portanto, ao falar de agressividade infantil, vamos nos debruçar sobre as pesquisas de alguns estudiosos com a finalidade de compreender melhor tal comportamento no processo de desenvolvimento da criança.

Durante a infância o processo de desenvolvimento passa por algumas fases de transformação que podem causar muita frustração para criança, provocando sentimentos de fúria e descontrole, por exemplo, quando a criança percebe que não está recebendo ou algo ou não está sendo correspondido, ela tenta chamar a atenção para si, assim podendo destruir algo a sua volta ou machucar alguém.

Sobre a teoria dos estágios iniciais, para psicanálise esse comportamento pode ser visto como frustração e não agressividade, diz Winnicott (1982):

Que a frustração provoque raiva durante tais fases, é óbvio; mas, na nossa teoria dos estágios iniciais, precisamos estar preparados para encontrar a agressão que precede a integração do eu, integração esta que tornará possível, num estágio posterior, a raiva pela frustração instintual e que faz com que a experiência erótica seja uma experiência (WINNICOTT, 1982, p. 264).

A agressividade em Winnicott é vista como fundamental para a saúde da criança e das pessoas em geral. Ele nos lembra que, infelizmente, a agressividade é uma das tendências humanas que mais é dissimulada, desviada e atribuída a agentes externos, e que isso pode prejudicar o desenvolvimento das atividades criativas e de trabalho, estimuladas pela agressão que não é negada e pela qual se assume a responsabilidade pessoal: “por trás de todo jogo, trabalho e arte está o remorso inconsciente pelo dano causado na fantasia inconsciente, e um desejo inconsciente de começar a corrigir as coisas”.

Para Cardoso (1967), a psicologia coloca a agressividade como um comportamento necessário à sobrevivência humana, embora ela tenha sido vista apenas como um fator negativo ao desenvolvimento infantil. Ainda para o autor, na psicologia, entendemos que a agressividade é percebida como um comportamento positivo, pois é um ato de adaptação, uma autorrealização e satisfação do ser humano.

Segundo Piaget (1985), a personalidade se forma a partir das experiências no ambiente. O conhecimento se inicia na relação com os objetos, ou seja, na interação homem-ambiente. Essa interação é o que leva a criança compreender a realidade e o mundo que a cerca e ir se adaptando a ele. A personalidade vai se moldando à medida que ela discrimina estímulos e sensações e os organiza em uma estrutura. Nessa concepção piagetiana, a criança reage aos estímulos recebidos sejam eles positivos ou negativos, da maneira que lhes são compreendidos. A partir de sua personalidade elas poderão apresentar impulsos agressivos através de suas experiências com o meio e suas relações interpessoais.

Comprendemos que um dos fatores que influenciam para o desenvolvimento infantil é o contexto que está inserto, o ambiente familiar é o primeiro contato da criança nele ela irá se construir e desenvolver-se, portanto se a criança não é tratada com educação, coerência, atenção e respeito por seus pais na forma de educá-la, isto contribuirá em um comportamento negativo e desta forma não saberá lidar com suas frustrações, podendo tomar proporções maiores lhes prejudicando em situações futuras.

Ainda sobre a influência do ambiente familiar no comportamento da criança na visão de Gibin (2012), a maneira pela qual sua natureza genética irá manifestar vai depender de como ela será orientada e educada. Dessa forma cada criança apresentará um comportamento diferente diante de suas frustrações, isto dependerá da maneira que ela foi instruída em seu ambiente familiar. No próximo capítulo abordaremos sobre o olhar da escola diante do comportamento agressivo da criança.

2. O OLHAR DA ESCOLA DIANTE DO COMPORTAMENTO AGRESSIVO DA CRIANÇA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Este capítulo contempla as reflexões á luz da teoria sobre o papel da escola no trato da criança agressiva em específico a da educação infantil, também põe em evidencia a práxis da educadora bem como a importância de uma formação continuada que possa auxiliar nas situações de agressividade infantil.

O tema sobre o comportamento agressivo infantil tem sido relevante em muitas pesquisas no âmbito escolar, devido ao crescente aumento de crianças que apresentam algum tipo agressividade em sala de aula, portanto educadores e psicólogos tem estudado muito sobre esta temática, a fim de compreender e lidar com esses comportamentos,

Para Alves e Aguiar (2016) “os pais são os principais agentes de socialização dos filhos, e responsáveis em promover um comportamento infantil construtivo, a criança também tem papel ativo nesse processo”, portanto os autores destacam a importância da participação da família no processo educativo na escola como, por exemplo, acompanhar o seu desenvolvimento escolar e interpessoal em sala de aula.

É na educação infantil que a criança desenvolve suas competências e a partir dela ampliar seu desenvolvimento e aprendizagem. É importante lembrar que a educação infantil passou por transformações na constituição de 1988, e passou a fazer parte na legislação brasileira de integrar-se no sistema educacional na primeira etapa da educação básica. No entanto só ganhou notabilidade com a Lei de Diretrizes e Bases- LDB de 1996, que assegura o direito de todos à educação e tendo os municípios como encarregado de sua efetivação na gestão.

Art. 29. A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança de até 5 (cinco) anos, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade. (PLANALTO,1996. Online)

De acordo com o Referencial Curricular para a Educação Infantil de 1996, propõe-se a implementação de práticas educacionais especializadas para ajudar no desenvolvimento da criança em sua formação enquanto sujeito de direito.

Já no Plano Nacional de Educação - PNE de 2001 para a Educação Infantil, ela seja caracterizada pela formação integral da pessoa, sendo ofertada uma educação de qualidade, para que a criança possa desenvolver suas capacidades de aprendizagem e que essa aprendizagem seja desenvolvida através das interações sociais. Mesmo com o avanço das políticas públicas para educação infantil, para Scherer (2011) a qualidade ainda chega a ser

desprezível. Portanto é necessário que essa etapa seja priorizada e de qualidade, é o que determina o documento.

A qualidade na Educação Infantil deve ser assegurada por meio do estabelecimento de parâmetros de qualidade. (...). As propostas pedagógicas das instituições de Educação Infantil devem explicitar concepções, bem como definir diretrizes referentes à metodologia do trabalho pedagógico e ao processo de desenvolvimento/aprendizagem, prevendo a avaliação como parte do trabalho pedagógico, que envolve toda a comunidade escolar. (MEC, 2001, P. 17-18)

Sendo assim a escola deverá compreender que a criança precisa de cuidados e atenção para se desenvolver e construir suas capacidades, tendo em vista que precisam ser conduzidas ao seu ritmo, compreendendo suas necessidades e levando em conta suas vivências e o contexto que estão inseridas, para que haja uma compreensão do que ela necessita no desenvolvimento de sua aprendizagem.

A escola deve estar preparada, a educação infantil deve ser de qualidade e comprometida no cuidar e educar, pois esta é a fase primordial para o desenvolvimento da criança e é no espaço escolar que ela encontra esse apoio para a construção de seus saberes. De acordo com Scherer (2011) a criança precisa de uma participar ativa para construção de seu conhecimento em cada etapa de seu desenvolvimento, usando esquemas mentais próprios. É por esta afirmação que consideramos a educação infantil como uma etapa de fundamental importância para a formação da criança.

A Educação Infantil é considerada uma das mais importantes etapas da formação das crianças, pois é onde elas começam a existir fora do convívio familiar, o que envolve lidar com diferenças, o desenvolvimento da personalidade e da autonomia, a criação de laços de amizade e as descobertas em diferentes áreas do conhecimento. Ela funciona como uma base para as demais etapas da educação formal, e o correto aproveitamento desta etapa permite que os pequenos cresçam com mais autonomia e tenham mais sucesso em sua vida escolar e individual (EDUCA MAIS BRASIL, c2021)

Portanto a escola deve propiciar a criança um ambiente seguro e harmonioso, promovendo uma boa relação entre professor e aluno, propondo atividades que possam auxiliá-las na sua relação interpessoal facilitando seu conhecimento e o desenvolvimento de suas habilidades.

2.1 O desenvolvimento da agressividade infantil na escola

A agressividade de crianças em creches e escolas de educação infantil, são entendidas muitas vezes como um ato de perda ou busca por atenção de algum adulto, a criança manifesta sua agressão através de impulsos que são compreendidos como agressivos. Esse

comportamento que se caracteriza o egocentrismo, quando a criança ainda não compreende as regras que lhes são impostas pelo ambiente, e com isso ocorre uma insatisfação que a mesma pode reagir de maneira agressiva.

Segundo Rodrigo (2004), nesta fase do desenvolvimento infantil entre os dois (2) aos sete (7) anos denominada por fase Pré-operatória, quando a criança se coloca no centro das situações, ou seja, não aceita ser contrariada ou repreendida. A partir de sua primeira experiência no ambiente não familiar a criança pode apresentar comportamentos agressivos pelo fato de não compreender o que lhe é imposto, trazendo-lhe angústia.

Na fase pré-operatório a criança passa por várias mudanças em seu comportamento, suas habilidades de imaginação e imitação dos objetos são fortemente percebidas nesta fase, a linguagem começa a ser desenvolvida pela imitação através do processo de comunicação. A aquisição da linguagem, segundo La Taille (1992), é fundamental em seu processo de socialização infantil. Compreendemos que nesse período ela ainda não consegue obter uma conversa, por não possuir ideias estruturadas e pensamentos construídos havendo uma dificuldade de diálogo, não aceitando ver o ponto de vista do outro, criando uma dificuldade de manter uma relação.

E como se dá esse desenvolvimento agressivo no ambiente escolar? Para os autores Dias, Schwartz e Lisboa (2014) a agressividade na escola pode ter como finalidade a dominação sobre o grupo dificultando o relacionamento com seus pares e controle de emoções, sua adaptação a esse contexto, nesse sentido do comportamento agressivo pode ser uma estratégia, para a sua permanência no grupo.

Na percepção da criança suas reações agressivas, poderá lhe favorecer o domínio do grupo ou conquistar aquilo que almeja através de seu comportamento. E por apresentar essa agressividade a criança poderá ser excluída, havendo uma rejeição entre os colegas e colocando-a num isolamento social, provocando nela um sentimento negativo, que trará mais frustração contribuindo para uma fase mais agressiva. O ato de exclusão para uma criança que ainda não compreende o mundo é destrutivo, pois ela não saberá lidar com aquela situação.

Quando uma criança manifesta um comportamento agressivo ela quer expressar aquilo que sente, e pelo fato dos seus esquemas operacionais ainda não estarem desenvolvidos ela não compreende as regras que lhes são impostas. Quando são contrariadas e rejeitadas, esses comportamentos tendem a acontecer, podemos observar situações frequentes nas escolas de educação infantil, a dificuldade que as crianças apresentam de interagir com seus pares, e professora por se sentir inseguro em um ambiente que ela não conhece. Como forma de se

expressar ela usa a agressividade, os atos mais frequentes nos momentos agressivos são as mordidas, chutes e beliscões, que muitas vezes geram desconforto naquele ambiente.

Para enfatizar Winnicott (1982) em suas contribuições diz que é importante lembrar que essa fase agressiva da criança tende a passar, porém será fundamental que ela seja preparada, e que haja um trabalho voltado para em lado seu emocional, para que ela possa controlar seus impulsos.

Os estudos de Santana *et al* (2016) mostram que a agressividade é diferenciada em ambos os sexos, os meninos tendem ser mais agressivos que as meninas, as autoras explicam ainda que a diferença de sexo também é um indicador dos aspectos da agressividade manifestada. A pesquisa das autoras mostra ainda que meninas se adaptam e se socializam melhor em relação aos meninos, sendo cultural essa disponibilidade. No ambiente escolar esta afirmação não é diferente os casos de comportamento agressivo se remetem aos meninos, essas condutas que muitas vezes interferem na sua interação no meio social, visto que é na escola que as crianças interagem, participa e aprendem a construir suas capacidades possibilitando-lhes um aprendizado saudável. É preciso que a criança perceba que na escola ela pode se sentir segura que pode ser compreendida e acolhida, em um ambiente que lhe traga bem-estar, contribuindo em seu desenvolvimento emocional.

Portanto, o desenvolvimento da agressividade no ambiente escolar gera um grande desconforto, tanto para a criança quanto para o educador e a turma, como foi citado no capítulo anterior. A criança considerada agressiva não é só aquela que apresenta impulsos agressivos, a criança apática também se considera agressiva, seu comportamento retraído e muitas vezes isolado é uma forma de expressar algo que a incomoda, é desta forma que ela se expressará. São desafios que muitos profissionais enfrentam atualmente, compreender as causas desse comportamento e investigar o que está contribuindo para tal, exigem práticas e metodologias adequadas que possam influenciar a tomada de decisão diante dos atos agressivos da criança.

Uma comunicação assertiva entre educador e aluno que respeite as necessidades um do outro, que mostre segurança e empatia, gerando autoconfiança e estabelecendo os limites necessários. Compreendemos isto, na fala de Maia e Bortolini (2012) quando as autoras ressaltam que a assertividade oferece às crianças a habilidade de se adaptarem a um contexto. Sendo desta forma a comunicação assertiva irá contribuir para a comunicação da criança e aquisição de suas habilidades.

2.2 Escola e família intervindo no comportamento agressivo da criança no ambiente escolar

O início da vida escolar é compreendido pelo primeiro momento de separação da criança de seu seio familiar, e começa a ter contato com um novo ambiente, novas pessoas e a receber novas regras de conduta, as quais servirão para orientá-lo no meio social e construir seu desenvolvimento pessoal que lhe será útil por toda vida. Para que a criança possa compreender essas mudanças, a família deve participar de todos os momentos dessa transição, porém é fundamental que a família esteja preparada em intervir junto com a escola nos momentos que a criança apresentar dificuldades nesse período de mudança, de seu ambiente familiar para o ingresso na escola.

Baseada nas teorias winnicottianas, Ribeiro (2008) afirma que quando as crianças ingressam na escola, podem estar, ou não, preparadas para se beneficiar dessa nova fase em sua vida. Portanto Isso vai depender do sucesso anterior de seus familiares no fornecimento de um bom ambiente inicial. Sabemos que a família tem uma grande influência no comportamento das crianças, conforme já ressaltamos no capítulo anterior, que os pais servem como um espelho para as elas, que iram refletir conforme os comportamentos e posturas que vivenciam.

Quando a escola percebe cedo os padrões de desenvolvimento das crianças e passa a agir no sentido de atender às suas necessidades, mais chances existem de essas crianças poderem participar da instituição de um modo que favoreça o seu crescimento. A atenção dada ao aluno no início da sua vida escolar – ainda que ocorra em idades diferentes e implique uma adaptação apropriada a cada caso – é um dos fatores de prevenção dos problemas escolares e dificuldades no aprendizado. (RIBEIRO,2008, p.163)

Daí a importância de o ambiente reconhecer os sinais emitidos pela criança em direção ao mundo e, a cada momento, oferecer condições que favoreçam esse processo. Nesta perspectiva, a autora traz a importância de um ambiente acolhedor a crianças pequenas, por não compreender aquele processo ela irá expressar o que lhe incomoda, o que senti, por isso a escola precisa favorecer essas condições que possam suprir suas necessidades e contribuir para seu desenvolvimento.

Diante de todo esse processo de vivência da criança no ambiente escolar, algumas apresentam comportamentos agressivos, causados muitas vezes pelo medo e insegurança por estar em um ambiente desconhecido (novo), provocando frustração, isto ocorre quando ela passa a ser controlada por terceiros, bem como seguir regras para conviver em grupo, essa mudança faz com que a criança emita impulsos agressivos como reação a esta nova realidade.

A partir desse fato, é preciso que haja uma reflexão do educador sobre o que está causando aquele comportamento na criança e orientá-la diante daquele problema, se persistir deve-se ter um acompanhamento junto aos pais procurando uma solução para o caso. A escola deve estar sempre informada pela família se algo de novo está acontecendo com a criança em seu cotidiano, pois será a partir dessas informações que a instituição irá propor uma intervenção que possa intervir em seu comportamento.

Com o intuito de enfatizar esta reflexão pensamento, Lattaro (2013) traz em sua fala que a criança precisa do apoio família e da escola e de uma intervenção específica para cada uma delas, para que tenha a oportunidade de adquirir uma formação ampla, que possa abranger as suas necessárias para que ela venha a se tornar um ser humano autônomo, com relações mais equilibradas. Para que isso aconteça é necessário que se trabalhe o desenvolvimento emocional da criança, que ajude no seu autocontrole, e que consiga encontrar confiança estabelecendo uma interação com o grupo.

A parceria família x escola conforme Lattaro (2013) visa buscar alternativas para solucionar uma situação de interesse comum. Trata-se de um trabalho em conjunto e do entendimento de que o problema ou condição a ser resolvido pertence a ambas, ressaltando a importância do trabalho cooperativo. A autora resalta ainda, a importância do trabalho de intervenção da escola junto com a família, pois é nesse sentido que a escola irá buscar solucionar esse problema, sabemos que é uma tarefa difícil nos dias atuais, porém se não houver esta união pouco será feito para amenizar a situação e uma possível resolução do problema. Acredita-se que com a colaboração da família e escola poderá ajudar a criança a passar por esse processo de desenvolvimento e adaptação na escola.

Atualmente percebemos um distanciamento de crianças consideradas “agressivas” das crianças “não agressivas”, pelo fato de que elas não conseguem ficar “quietas”. Por não interagir com seus pares, esse posicionamento tomado por algumas escolas pode dificultar esta relação, que tem a proposta de socialização, podendo desconstruir no sentido de regressão no comportamento da criança (LATTARO, 2013). Desta maneira, a escola dificulta a formação de um sujeito autônomo, pois para que isso aconteça é necessário um ambiente de cooperação e respeito mútuo que permita o desenvolvimento da autonomia. O não saber com intervir no comportamento agressivo do aluno poderá sim trazer consequências futuramente para ele, no sentido de lidar com os conflitos que venha enfrentar, gerado um descontrole em suas ações interpessoais.

2.3 A formação docente e a prática pedagógica diante do comportamento agressivo da criança

No contexto atual nos deparamos com os desafios enfrentados pelos estudantes de pedagogia recém-formados, que pretendem atuar na educação infantil, sabemos que para ser um bom professor (a) de educação infantil pressupõe-se uma formação específica que o mesmo possa atribuir seus conhecimentos e habilidades, promovendo um ensino de qualidade para que as crianças possam aprender e se desenvolver. Sobre a educação infantil compreendemos que houve um grande avanço na legislação permitindo a criança, o desenvolvimento de suas capacidades.

No entanto, ao que se refere à formação de docentes para a educação infantil Nascimento (2015), a LDB 9394 (BRASIL, 1996), como explicita o artigo 62, indica que a formação pode se dar em diferentes cursos de licenciatura, em que é admitida a formação em nível médio na modalidade Normal. Embora, em termos legais, afirme-se o direito da criança a ser atendida com qualidade, com uma educação que contemple o desenvolvimento pleno nos aspectos físico, psicológico, afetivo e social, não temos uma política nacional que garanta a formação inicial específica em nível superior como requisito mínimo para trabalhar com ela.

Como determina a LDB a educação infantil atenderá crianças de 0 a 6 anos, isso implicará sobre a formação do professor que atuará com essas crianças.

Antes da LDB 9394 (BRASIL, 1996), foi produzido pelo MEC o documento Por uma Política de Formação do Profissional de Educação Infantil (BRASIL, 1994), o qual já afirmava a necessidade de uma formação específica para os profissionais que estão com as crianças de 0 a 5 anos, bem como a articulação de práticas que envolvem o cuidar e o educar. Entretanto, mesmo essa necessidade já tendo sido apontada pelos pesquisadores nesse documento, a LDB tratou de forma genérica a formação profissional para atuar na educação infantil ao permitir que todas as licenciaturas formem profissionais para atuar nesta etapa de ensino” (NASCIMENTO, 2015, P. 650).

Sabemos que as professoras recém-formadas que atuam na educação infantil, sofrem várias discriminações e não tem seu trabalho reconhecido, muitas vezes a escola não oferece um apoio necessário que elas necessitam. Entre as habilidades competentes em sua prática como educadora infantil, as que mais se destacam no documento é o cuidar e educar, que compreende que a criança tem direito de se desenvolver no meio social, o que no período anterior à LDB estas habilidades se resumiam ao cuidar dando a educação infantil caráter assistencialista.

Nas últimas décadas vem se consolidando, na educação infantil, a concepção de vincular cuidar e educar, entendendo como o cuidado como algo indissociável do processo educativo. Nesse contexto as creches e pré-

escolas, ao acolher as vivências e os conhecimentos construídos pelas crianças no ambiente familiar e no contexto da comunidade e articulá-los em suas práticas pedagógicas. (BNCC,2017, P.36)

Dentro desse contexto, as professoras e educadoras de educação infantil, deveram propor atividades que promovam o desenvolvimento da criança associado ao cuidar e educar. Sendo assim fica indicado a estas profissionais desenvolver práticas pedagógicas que contribuam no processo de aprendizado das crianças, pois elas devem ter a liberdade de se expressar e se envolver em atividades que favoreçam sua autonomia.

Atualmente, muitas educadoras vêm se deparando com um problema que rotineiramente vem sendo palco de muitas discussões, a agressividade infantil vem comprometendo o trabalho de muitas dessas profissionais por não saberem lidar com o comportamento agressivo da criança, um dos fatores se deve por não receberem uma formação específica para trabalhar nessas ocasiões. Desse modo, compreende-se o quanto a formação continuada para professoras da educação infantil é de suma importância, pois as mesmas devem receber essa instrução, sendo fundamental para complementação e continuação no processo do conhecimento.

De acordo com Parreira (2007, *apud* NOGUEIRA, 2015, p. 41), pensar uma formação continuada da educadora da Educação Infantil “é reconhecer a importância em sistematizar conhecimentos e saberes específicos para a educação da criança, é discutir sobre a atuação, e sobre os saberes docentes”. Ainda sobre a formação continuada, Nascimento (2015) complementa, a capacidade de articulação das práticas pedagógicas com os saberes das crianças podendo ser trabalhada nos processos de formação inicial e continuada dos professores/as.

A partir dessas colaborações dos autores, bem sabemos as dificuldades que há em torno da formação inicial e continuada dos docentes, muitas instituições não oferecem esta formação, ficando a cargo dos docentes construir sua prática através das vivências em seu cotidiano, buscando seu aprimoramento por si só.

Os problemas enfrentados pelas educadoras em não saber lidar com o comportamento agressivo da criança na educação infantil são constantes para muitas profissionais, que por não receberem uma formação acerca do desenvolvimento de uma prática que contribua nesse processo de formação da criança, utilizam métodos punitivos (castigo) para interferir diante daquele comportamento agressivo do educando. Para isto, Luz (2008) explica que se quisermos modificar esse comportamento, é importante tentar reconhecer os motivos pelos

quais a criança agiu daquele modo e com base nesses indicadores, tentar promover mudanças que alterem sua relação com o ambiente.

Ainda sobre os atos punitivos, Luz (2008) expõe que eles não favorecem o comportamento da criança, seja ela agressiva ou não, por isso devem ser adotadas práticas que promovam o desenvolvimento da aprendizagem do aluno, pois deve-se compreender que nessa fase ela ainda não tem seus saberes construídos, precisam ser orientadas pelas educadoras. Portanto cabe a esta profissional conhecer seu aluno e compreender suas necessidades diante de seu comportamento. Segundo Vigotsky (1991) o homem é um ser social e as condições sócio-culturais o transformam profundamente, desenvolvendo comportamentos positivos ou negativos. O professor/a deve levar em conta o contexto da criança, e investigar as causas que provocam seu comportamento agressivo.

Para Lattaro (2013) não é fácil lidar com uma criança que causa transtornos frequentes a educadora e aos demais educandos. É uma tarefa difícil e um grande desafio entender o que há de errado e o que é preciso fazer para contornar aquela situação. Em alguns momentos a situação pode se tornar desesperadora. A fala da autora, nos faz lembrar nossas vivências e intervenção na creche durante a vigência do PIBID, quando observamos a turma do jardim II e a dificuldade que a educadora enfrentava em lidar com o comportamento de uma criança que apresentava comportamento agressivo. Era percebido que muitas vezes ela se sentia incapaz diante daquela situação.

Lembrarmos o quanto se faz necessário as práticas pedagógicas adotadas pela professora e suas atividades propostas ao trabalhar no comportamento agressivo da criança sejam refletidas previamente. É importante que seja adotada uma prática condizente com a realidade que está sendo vivenciada.

De acordo com Magalhães, Martins e Melo (2017) é no brincar que as crianças põem em prática toda a sua subjetividade, e suas experiências vivenciadas em sua realidade, explorando-as e (re) construindo-as durante a brincadeira.

Ainda de acordo com as DCNEI, em seu Artigo 9º, os eixos estruturantes das práticas pedagógicas dessa etapa da Educação Básica são as interações e a brincadeira, experiências nas quais as crianças podem construir e apropriar-se de conhecimentos por meio de suas ações e interações com seus pares e com os adultos, o que possibilita aprendizagens, desenvolvimento e socialização. (BRASIL, 2017, p.37)

Dentro dessa perspectiva as atividades lúdicas podem contribuir no desenvolvimento da criança possibilitando o trabalho com suas emoções, através das brincadeiras e interação com seus pares. Assim as professoras que enfrentam dificuldades em controlar os impulsos

agressivos da criança podem utilizar em suas práticas atividades em que os alunos desenvolvam suas capacidades, contemplando o desenvolvimento de suas competências, podendo ser uma estratégia para acolher a criança e compreender o que a incomoda, proporcionando a ela segurança e um ambiente saudável a todos.

Sabemos que em turmas muito “agitadas” que as educadoras não têm controle sobre ela, essas atividades lúdicas não conseguem ser realizadas principalmente quando há casos de crianças consideradas “agressivas”. Para serem desenvolvidas essas atividades, precisa-se que a profissional saiba conduzir um planejamento, tendo em vista as dificuldades e se há apoio da escola, pois em escolas públicas muitas vezes não existe sequer uma auxiliar de turma.

As vivências no estágio do PIBID trouxeram grandes reflexões a respeito do tema, por exemplo, durante as intervenções na turma do jardim II, num momento de realização de uma atividade lúdica que propomos na turma, a dificuldade em controlar as crianças foi enorme, não foi oferecido nenhum apoio, trazendo muito desespero naquele momento, não conseguimos lidar com o comportamento agressivo de uma criança e tivemos que recorrer a gestora da creche.

Esses momentos e experiências presenciados foram um grande aprendizado, e de muita reflexão sobre as práticas que a profissional deve adotar diante desses problemas. Embora as escolas proporcionem um espaço para a formação de professores/as, isso nem sempre ajuda este profissional a pensar nos problemas ocorrentes no cotidiano escolar e a buscar estudos que o auxiliem a embasar suas decisões e intervenções. Vimos que a educadora quando está diante de uma situação difícil e a escola não lhe dá suporte, torna a situação ainda mais estressante tanto para ela quanto para o aluno.

3 PERCURSO METODOLÓGICO

Neste capítulo contextualizaremos onde foi feita a pesquisa e o que nos motivou sua realização que se deu a partir de nossas vivências no projeto do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID. Com início em outubro de 2018 e término em janeiro de 2020, no qual atuamos como estagiárias na Creche Criança Feliz na turma de Jardim II.

O PIBID é um programa criado pelo Ministério da Educação-MEC que busca viabilizar aos graduandos na primeira metade dos cursos de licenciatura uma experiência prática com o cotidiano das escolas e a realidade em que estão inseridas. O programa concede bolsas a estes alunos de licenciatura participantes desse programa de iniciação à docência desenvolvidos pelas instituições de educação superior-IES em parceria com as redes municipais ou estadual de ensino.

Este programa busca a promoção da iniciação dos graduandos no ambiente escolar ainda na primeira metade do curso, estimulando a observação e reflexão sobre a prática profissional no cotidiano das escolas públicas de educação básica. Os alunos são acompanhados por um professor da escola e por um professor da IES participante do programa.

Dentre os objetivos do PIBID estão: incentivar a formação de alunos para atuar no magistério, elevar a qualidade dos cursos de licenciatura, inserir os graduandos das licenciaturas na realidade escolar da educação básica, promovendo a eles a construção de experiências e metodologias que buscam superar os problemas de caráter pedagógico da rede pública de ensino, bem como, contribuir para articulação entre teoria e prática necessárias a formação dos futuros professores.

Os discentes são selecionados através das seletivas propostas pela própria IES onde são escolhidos entre 24 e 30 graduandos para cada coordenador de área, estes alunos iram atuar nas unidades de educação básica com índice abaixo da média nacional da educação básica, visando a superação desses problemas enfrentados. Os bolsistas através da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES recebem uma bolsa mensal de R\$ 400,00 reais.

Abordaremos nossas experiências e inquietações sobre o comportamento agressivo das crianças, vivenciados durante a duração do subprojeto de Pedagogia da UEPB na Creche Criança Feliz, assim como as atitudes das educadoras diante desse problema, também buscaremos compreender tais comportamentos. Em seguida faremos uma contextualização do

locus da nossa pesquisa. Que se deu em uma Creche municipal na cidade de Cuitégi-PB, apresentaremos com dados coletados a estrutura física da instituição, o corpo docente, funcionários e todos envolvidos.

Abordaremos o comportamento dos alunos, a prática pedagógica da educadora e nossas intervenções durante o projeto. Por fim, apresentaremos os sujeitos e colaboradores da pesquisa, a estagiária e a professora da turma do jardim II.

3.1 Contexto da pesquisa

Com o propósito de investigar o comportamento agressivo de algumas crianças em sala de aula da educação infantil e a postura do educador diante dessa agressividade. Este trabalho se caracteriza de cunho qualitativo, pois procuramos entender o comportamento dos sujeitos envolvidos.

Para tanto, o pesquisador vai a campo buscando /I captar" o fenômeno em estudo a partir da perspectiva das pessoas nele envolvidas, considerando todos os pontos de vista relevantes. Vários tipos de dados são coletados e analisados para que se entenda a dinâmica do fenômeno. Partindo de questões amplas que vão se aclarando no decorrer da investigação, o estudo qualitativo pode, no entanto, ser conduzido através de diferentes caminhos (GODOY, 1995, p.57).

A pesquisa possibilitaram-nos observar e compreender o porquê de tais comportamentos agressivos em crianças na educação infantil. Para isto utilizaremos alguns dados de nossas vivências durante o período de intervenção na instituição, que teve seu início no mês de outubro de 2018 a dezembro de 2019, eram formadas duplas para atuar em cada turma, num primeiro momento passamos por um período de observações e atuamos em uma turma integral, nesta sala ficamos até o mês de dezembro de 2018, no ano seguinte em março de 2019, fomos inseridas na sala de jardim II, que atuamos como estagiárias na referida turma até dezembro de 2019, desta vez observamos a turma e intervimos conduzindo as aulas, no programa as intervenções se davam duas vezes por semana, onde eram preparados planos de aula e atividades pedagógicas. E foi durante esse período que realizamos nossa pesquisa.

As observações em sala de aula, foram realizadas, através dos registros diários e fotografias, que nos deram suporte em nossos relatórios semestrais para o PIBID. Realizamos intervenções junto as educadoras como: brincadeiras educativas, contação de histórias e atividades pedagógicas. Tendo em vista que as crianças a maioria das vezes não colaboravam nas atividades propostas.

Durante este período observamos o comportamento agressivo das crianças e as intervenções das profissionais diante da criança agressiva. Durante esse período houve a troca

de professoras na turma, quando podemos observar que as crianças tiveram uma mudança de comportamento significativa.

Em nossas vivências na turma de Jardim II, uma criança do sexo masculino, que tinha 3 anos de idade, que por questões éticas o chamaremos pelo nome de João³, chamou muita atenção desde o primeiro contato, era sempre chamado de menino “difícil e danado”, por apresentar um comportamento muito agressivo, e desobediente perante as educadoras da turma. Segundo Lattaro (2013), são os chamados “alunos difíceis”. Tais crianças apresentam dificuldades em suas interações sociais e nos conflitos interpessoais, quanto com relação à sua disciplina.

Por ser uma criança que apresentava um comportamento agressivo João era excluído de algumas atividades, pois quase que rotineiramente, machucava alguns de seus coleguinhas, e tinha que ser posto de “castigo”, ou era conduzido para sala da diretora. Uma pesquisa realizada por Royer (2003, *apud* SOUZZA; CASTRO, 2008, p. 60) revela que os docentes se mostram inábeis perante a emergência de comportamentos problemáticos, recorrendo costumeiramente a uma atitude punitiva, “parecendo não saber como intervir de forma adequada”.

Nas observações foi percebido que a educadora Sandra, a primeira tutora da turma, como relatado anteriormente sobre a troca de profissionais durante o período de nossa intervenção naquela instituição, foi possível observar que a mesma não tinha controle sobre a turma, tampouco sobre João, ela por sua vez sempre recorria à gestora da creche, pois não conseguia apaziguar aquela situação. Em várias oportunidades podemos presenciar momentos impulsivos de João, como em uma das atividades propostas, quando a criança apresentou seu primeiro comportamento agressivo conosco, no momento não soubemos como agir, repentinamente ele já havia nos mordido, e mais uma vez a docente o levou para diretoria.

A partir daquele dia começamos a observar mais profundamente as atitudes impulsivas de João e o motivo que levava a criança apresentar tais comportamentos, em conversa com algumas educadoras da creche, esta, nos informou acerca do trato de sua família com ele. Percebia-se nas suas atividades em sala de aula, que fazia tudo com muita rigidez suas pinturas eram sempre feitas com traços fortes, ele usava força em excesso no manuseio dos materiais.

Passamos a observar o que lhe deixava irritado, e o que provocava reação de conforto, os momentos que ele apresentava impulsos negativos era quando a educadora, falava “não” para ele, era um momento difícil, seus impulsos agressivos eram muito fortes, chorava, batia,

³ Usaremos nomes fictícios para as educadoras e o aluno que fizeram parte desta pesquisa.

mordia, jogava brinquedos, retraída e sem saber como controlar aquela situação sempre esperávamos a atitude da educadora de intervir. Foram muitos momentos como esse e sempre esperamos que a professora ou a escola investigasse no caso de João, sabíamos que ele precisava de ajuda para conter seus impulsos, porém era sempre ignorado não existia uma conversa com a criança.

Durante nosso tempo de intervenção na escola creche, não presenciamos algum tipo de apoio entre a escola e família para resolver o comportamento do aluno, “A relação escola-família é de suma importância. Ao conversar com os pais, o professor pode iniciar destacando primeiramente as qualidades do aluno” (BRASIL ESCOLA, c2021). Contudo sentimos a necessidade de apoio dentro da escola para poder trabalhar com a criança, agressiva, pois sabemos que a ela precisa de apoio dos educadores.

No mês de agosto de 2019 houve a troca de professora na turma do jardim II, a nova educadora Márcia teve seu primeiro contato com a turma, no dia 6 de agosto de 2019. Estávamos na Instituição para nossa intervenção no programa, a professora nos pediu informações sobre a turma e sobre os alunos, logo conversamos com ela sobre João e como era seu comportamento, ela ficou um pouco assustada, mas na verdade queríamos que procurasse junto a gestão um apoio para ajudar aquela criança, pois era nítida a falta de um olhar mais aprofundado no comportamento do menino.

Em seguida, a professora propôs uma brincadeira para conhecer melhor as crianças, lhe auxiliamos, conseguimos concluir a atividade proposta naquele dia, as crianças a receberam com muita alegria. Percebemos a insegurança da mesma, mas visualizamos a preocupação dela com João, pois naquele dia estava bastante agitado ou queria “chamar a atenção” da nova professora, ela tentou conversar com a criança, mas este não a correspondia. Foi a partir de então que resolvemos aplicar esta pesquisa, pelas observações e vivências durante o período que estivemos na turma, precisávamos encontrar uma forma de trabalhar com a criança de maneira que a mesma viesse a controlar seus impulsos agressivos.

Em outro momento de nossa intervenção na turma do jardim II, quando preparamos uma atividade para os alunos, naquele dia resolvemos trazer uma história, onde foram trazidos alguns fantoches para apresentar e trabalhar de forma lúdica com as crianças percebeu-se que João havia gostado da ideia e resolveu participar, logo o escolhemos para ser o ajudante do dia, a criança ficou bem contente e naquele dia conseguimos trazê-lo para aquele momento onde houve muita interação entre todos, e enfim, conseguimos realizar nossa proposta do dia. Então percebemos que a essa atividade trouxe satisfação para o menino, pois ajudou a controlar seus impulsos agressivos e trouxe um aprendizado positivo para ele.

Segundo Silva (2017, p.32) desta forma, incorporar o lúdico nas atividades escolares é uma estratégia para a diminuição da agressividade, fazendo que a criança canalize seus impulsos agressivos em atividades práticas que realmente lhe trarão aprendizado.

FIGURA-1 Momento da contação de história na turma do jardim II com a participação do Aluno João



Fonte: acervo fotográfico da pesquisadora, 2019.

A partir de então resolvemos propor algumas atividades que trouxesse satisfação para João algo que ele participasse e desde então percebeu-se que o menino gostava muito de histórias e que ele fosse um dos personagens.

Voltando ao pensamento de Piaget (1995) *apud* Oliveira (2005), quando ele diz, que a educação infantil é um dos momentos mais importantes na vida de uma criança, pois é durante essa fase inicial nos seus primeiros anos de vida que a criança constrói sua identidade e apresenta seus primeiros impulsos agressivos, que quando não controlados poderão ser reproduzidos negativamente em sua fase adulta. Portanto para Piaget a criança passa por estágios no seu desenvolvimento que foram divididos em quatro, para Bock 2002.

O primeiro período compreendido pelo estágio sensório-motor (0 a 2 anos); segundo período, correspondido pelo pré-operatório (2 a 7 anos); terceiro período, operações concretas (7 a 12 anos); e por último o quarto período que são as operações formais (12 anos em diante) (BOCK, 2002).

Portanto, é necessário que a escola e os docentes levem em consideração os estágios do desenvolvimento infantil procurando ser compreensivos e perceberem as dificuldades de

seus alunos, levando em conta as particularidades e comportamento de cada um, compreendendo suas necessidades e tentando inserir a criança da maneira que lhe seja mais prazeroso, buscando alternativas que melhore seu comportamento.

De acordo com Piaget (1995, *apud* OLIVEIRA, 2005) o estágio pré-operatório que se dá dos 2 aos 7 anos de idade, a criança percebe o mundo com sua experiência o que ela traz em sua memória e se coloca no centro de tudo, a imaginação é a característica mais forte nessa fase. A partir do pensamento Piagetiano, resolvemos preconizar atividades que trouxessem satisfação para João algo que ele participasse, e lhe fosse prazeroso, desde então percebemos que o menino gostava muito de imaginar coisas e ser o protagonista das histórias. Pensamos vários métodos de trazer a criança para um ambiente onde se sentisse seguro e capaz de construir seu aprendizado respeitando o seu desenvolvimento, trabalhando suas emoções. Nossas propostas de atividades eram sempre compartilhadas com a educadora da turma, a mesma nos dava apoio na execução.

Começamos a pôr em prática nossa proposta. Sempre em nossas intervenções começávamos com uma contação de histórias, pois todos gostavam muito de ouvir e participar, João como de costume sempre procurava chamar atenção e tirar a atenção dos coleguinhas, e chamávamos para que ficasse próximo a nós, ouvíamos o que ele queria falar ao final da história o mesmo sempre tinha um pensamento imaginário de se colocar dentro dela, e então através das observações iniciamos uma reflexão acerca das possibilidades de trabalhar o comportamento do menino, pois observamos que ele ficava atento e seus impulsos agressivos diminuía.

Após as atividades no final da aula, sempre fazíamos uma brincadeira, e nesse dia fizemos diferente, montamos uma história em que todos eram personagens. Todos ficaram contentes e animados, transformamos a sala em uma selva. Dividimos metade da turma, uns eram animais e outros eram as crianças que estavam perdidas, e João tinha que ser o líder na história, ele comandava os perdidos, durante a brincadeira percebemos a atenção e obediência, conseguimos trabalhar as emoções, imaginação e principalmente o comportamento de todos, foi uma tarde de muito aprendizado para nossas práxis e para os alunos, pois colocamos em prática a teoria aprendida durante nossa graduação.

Foi um dos dias mais produtivos durante todo nosso projeto de intervenção na creche, mesmo com dificuldades existentes, tentamos levar um pouco de nosso aprendizado para aquelas crianças, quando a maioria delas são “carentes”, principalmente de atenção. Conseguimos enxergar a carência de atenção do aluno, a dificuldade que ele tinha de controlar suas emoções e de se sentir incluído e interagir com os colegas, pois muitos tinham medo de

chegar perto de João pelo receio de que ele fosse lhes machucar. E a alegria de estarem todos juntos, como ouvimos muitas vezes ele falar com um coleguinha “tu é meu amigo” aquela situação visualizamos a forma que ele era excluído por causa de seus impulsos agressivos, de não conseguir se socializar com o grupo.

Propor uma atividade prazerosa e que traga um aprendizado para a criança nem sempre é uma tarefa fácil, sabemos que o docente precisa ser capacitado para trabalhar na educação infantil, porém a realidade nos mostra as dificuldades existentes, muitos profissionais que trabalham nas creches não são graduados no curso de pedagogia, quase sempre não se tem formação nenhuma, são colocados lá para cuidar de crianças, sabemos que a nova BNCC regulamenta, o cuidar e educar para as crianças na educação infantil, porém não há um comprometimento de algumas instituições de educação infantil pública que faz se cumprir o documento, muitas profissionais não são formadas para exercer esse papel na educação infantil.

Nas últimas décadas, vem se consolidando, na Educação Infantil, a concepção que vincula **educar e cuidar**, entendendo o cuidado como algo indissociável do processo educativo. Nesse contexto, as creches e pré-escolas, ao acolher as vivências e os conhecimentos construídos pelas crianças no ambiente da família e no contexto de sua comunidade, e articulá-los em suas propostas pedagógicas, têm o objetivo de ampliar o universo de experiências, conhecimentos e habilidades dessas crianças, diversificando e consolidando novas aprendizagens, atuando de maneira complementar à educação familiar – especialmente quando se trata da educação dos bebês e das crianças bem pequenas, que envolve aprendizagens muito próximas aos dois contextos (familiar e escolar), como a socialização, a autonomia e a comunicação (BNCC. 2018, p.36).

O documento explica os caminhos que a escola deve percorrer no sentido de oferecer as crianças praticas educativas que favoreçam suas habilidades e desenvolvimento complementando aos cuidados familiares.

Era possível observar a inquietação e preocupação da professora Márcia com o aluno, pois ela também sentia dificuldade diante do comportamento agressivo da criança e muitas vezes observamos os momentos agressivos de João com a mesma, que por sua vez conversava com ele, e depois o levava para a sala da diretora. A educadora era muito calma, tranquila e muito atenciosa com todos, em uma de nossas conversas ela nos falou que se sentia triste pelo fato de não conseguir ajudar João que precisava de um apoio, que a situação era bastante difícil, pois era sua primeira vez em sala de aula, é importante destacar que a educadora era graduada em pedagogia, porém não havia recebido uma formação pra trabalhar essas emoções da criança, um apoio pedagógico e psicológico que pudesse lhe auxiliar em sala de aula, enquanto estagiária do PIBID também sentimos essa necessidade.

Sobre as atividades lúdicas na sala de aula do jardim II, como as brincadeiras, jogos eram pouco realizadas, a educadora tinha receio de as crianças se desentenderem e se machucarem, ela preferia que as crianças brincassem apenas na hora do recreio, porém sabemos que as atividades lúdicas em sala de aula podem ajudar a trabalhar os impulsos agressivos da criança. Para Silva (2017):

A escola tem que criar condições necessárias para o desenvolvimento cognitivo, psicossocial da criança, motor e afetivo da criança e por isto, torna-se importante a inclusão das atividades lúdicas na rotina escolar, como meio facilitador da aprendizagem e da socialização (SILVA, 2017, p.32).

Compreendemos que inserir atividades lúdicas na escola e nas práticas do educador em sala de aula pode contribuir no comportamento da criança, quando ela brinca as chances de controlar seus impulsos agressivos aumentam é durante a brincadeira que as crianças desenvolvem suas capacidades de atenção, memória e ajuda no amadurecimento de suas competências para se construir e socializar-se junto ao grupo.

Em nossas vivências e intervenções na creche destacamos nosso empenho e contribuições pedagógicas na instituição, a colaboração e confiança que a educadora Márcia, nos prestou foi muito proveitosa para o desenvolvimento desta pesquisa no que diz respeito a execução das atividades propostas. Infelizmente não foi possível conseguirmos os resultados desejados, quando nós propomos ajudar João em relação ao seu comportamento agressivo. Compreendemos que nos faltou apoio pedagógico junto à escola e família, sendo de fundamental importância que escola e família estejam sempre juntas para contribuir no desenvolvimento e educação das crianças.

A parceria entre a família e a escola é de suma importância para o sucesso no desenvolvimento intelectual, moral e na formação do indivíduo na faixa etária escolar. [...] Afinal, por que até hoje em pleno século XXI a escola reclama da pouca ou insignificante participação da família na escola, na vida escolar de seus filhos? Seria uma confusão de papéis? Onde estaria escondido o ponto central desse dilema que se arrastam anos e anos? (GARCIA, 2006, p. 12).

Sabemos que é na educação infantil que a criança se constrói e desenvolve suas competências, mas para isso é necessário que haja um suporte escolar e familiar para instruir no desenvolvimento da mesma. As dificuldades e a realidade do contexto familiar que João estava inserido, influenciava diretamente em seu comportamento agressivo. Por seus pais serem “separados”, muita das vezes não recebia atenção dos pais ou de algum responsável, não tinha nenhuma influência positiva, de carinho e afeto, era uma criança que precisava muito ser acompanhada e instruída.

Por fim, entendemos que os professores/as precisam receber uma formação mais específica e serem capacitados para trabalhar as emoções das crianças, principalmente aqueles que lecionam em escolas de educação infantil no contexto público, no qual é mais frequente encontrarmos crianças com comportamentos agressivos. A escola deve ser instruída e acompanhar o aluno e a família, buscando alcançar resultados positivos na construção da identidade e desenvolvimentos das competências do educando.

3.2 Lócus da pesquisa

A pesquisa foi realizada em uma instituição de educação infantil Creche Criança Feliz, localizada no Bairro Santo Antônio, na cidade de Cuitégi-PB. Esta instituição atende nos turnos manhã e tarde, sendo uma turma que funcionava de forma integral, crianças de 2 a 6 anos de idade, residentes na comunidade local. Estão matriculados 127 alunos, divididos nos dois turnos, sendo 63 do sexo feminino e 64 masculinos, distribuídos em quatro salas: Jardim I e II, Pré I e II. Possui uma sala de diretoria, uma cantina, um pátio, cinco banheiros dois masculinos e três femininos, uma sala de brinquedos, um almoxarifado. A distribuição dos profissionais se dá da seguinte forma, sete educadoras, uma auxiliar, uma cuidadora, duas auxiliares de merenda, uma merendeira, três funcionários dos serviços gerais, sendo um masculino e dois femininos, uma diretora.

A pesquisa foi realizada na turma do Jardim II, no turno tarde. Essa turma tem apenas uma educadora, 12 alunos (4 meninas e 8 meninos) com faixa etária entre 3 e 4 anos, tal pesquisa foi realizada durante nossa intervenção através do PIBID.

3.3 Sujeitos da pesquisa

Consideramos nossa pesquisa como qualitativa. Para esta pesquisa usamos como sujeitos colaboradores a professora do jardim II e os alunos. Sendo este último analisado sob a ótica do comportamento agressivo da criança na educação infantil, se caracterizando.

A educadora é graduada em pedagogia sendo primeira vez exercendo a profissão enquanto concursada, antes trabalhava como auxiliar de serviços gerais em uma escola de sua cidade. E os alunos do jardim II, com idade de 3 e 4 anos de idade, a maioria já tinha contato com a creche, a turma era composta por 12 crianças, 4 meninas e 8 meninos, a maioria são de famílias carentes, beneficiários do bolsa família, e residem nas comunidades próximas a creche. No próximo tópico faremos uma análise do material empírico coletado.

3.4 Coleta do material empírico

A coleta do material ocorreu no período compreendido entre março a dezembro 2019, sempre nas terças e quarta-feira no turno vespertino, pois este era o turno escolhido pelo PIBID para as vivências. A análise ocorreu por meio de pesquisa-ação que segundo afirmação da autora a seguir é:

Desde sua origem, a pesquisa-ação assume uma postura diferenciada diante do conhecimento, uma vez que busca, ao mesmo tempo, conhecer e intervir na realidade que pesquisa. Essa imbricação entre pesquisa e ação faz com que o pesquisador, inevitavelmente, faça parte do universo pesquisado, o que, de alguma forma, anula a possibilidade de uma postura de neutralidade e de controle das circunstâncias de pesquisa (FRANCO, 2005. p. 490).

A pesquisa-ação foi utilizada nesta pesquisa, pois possibilita a autorreflexão da prática em questão, portanto é extremamente útil no campo educacional, visto que esta metodologia contribui para o enriquecimento das discussões tratadas neste trabalho de conclusão de curso.

A inquietação a cerca do comportamento agressivo do aluno deu início a esta pesquisa. A partir dos episódios agressivos apresentados por João, que afetaram tanto a educadora quanto as estagiárias, percebemos a necessidade de encontrarmos métodos que auxiliassem em nossa prática diante das condutas agressivas da criança. Quando não só presenciamos quanto sofremos, com a agressividade demasiada do menino, ao vivenciar ataques da agressividade do aluno inicialmente com os colegas, mas ao decorrer do ano letivo seu comportamento agressivo se estendeu as educadoras e equipe pedagógica. Por falta de um apoio e uma formação adequada para lidar com as atitudes da criança.

A partir de nossas vivências propomos algumas atividades que incluísse o aluno e que trouxesse interesse para o mesmo, observamos também que seus colegas não se aproximavam dele alguns relatavam que tinham medo, pois ele “batia” dificultando uma aproximação e em virtude desses episódios não havia uma interação da turma com João. Desde então percebemos seu interesse pela contação de histórias era o momento que lhe trazia interesse, era participativo e compreensivo, conseguíamos realizar nossa proposta e interagir com os alunos de maneira satisfatória. Diante dessa proposta notamos que a contação de histórias contribuiu em nossa prática para lidar com o comportamento agressivo do aluno. No próximo capítulo faremos a análise do material Empírico.

4 ANÁLISE DO MATERIAL EMPÍRICO

Aqui buscamos apresentar as informações coletadas em nossas intervenções e observações, com o intuito de analisar as nossas vivências na sala de aula do Jardim II. Os materiais que utilizamos nesta pesquisa foram: os relatórios do projeto PIBID, e descrições dos próprios autores sobre alguns momentos de vivência importantes durante a intervenção e relevantes para a pesquisa.

Inicialmente iremos analisar uma passagem que consideramos importante durante nossa intervenção, quando observamos um momento de impulso agressivo do aluno e a atitude da professora diante do comportamento da criança. Quando o aluno apresentou um impulso agressivo com a educadora pela primeira vez, e sua reação diante daquele fato ela não soube intervir e controlar aquela situação, reagiu de maneira insegura, sobre este momento lembramos na fala das autoras (FERNANDES; SOUZA, 2016) evitar o confronto direto com o aluno é fundamental para preservar qualquer possibilidade de reestruturação de um relacionamento já comprometido. Para isto, é importante que o professor/a perceba que a manifestação agressiva, em geral, não tem como causa o próprio educador ou qualquer divergência pessoal por parte do aluno, mas é um reflexo das barreiras encontradas por este em seu desenvolvimento emocional, cognitivo e social.

Nossa percepção diante da fala das autoras, compreendemos as dificuldades do educador em lidar com o comportamento agressivo da criança, o receio de agir com agressividade ou mesmo ser imparcial naquele momento, a insegurança e muitas vezes o medo de sua reação ser interpretada de outra forma pela criança, a falta de apoio da escola contribui para que a educadora sinta-se retraída diante esse confronto aluno e educador, quando (LATARRO, 2013, p.39) nos traz em sua fala, “Sabemos que há momentos em que as ideias se esgotam, e o educador não consegue enxergar uma saída para o problema”, e diante disso faz com que o educador não consiga impor limites para o aluno, trazendo-lhe sofrimento.

Em relação à escola foi possível notar que, muitas vezes ela “ignora” o comportamento agressivo da criança fazendo com que o problema fique cada dia mais difícil de ser revolvido, com isso reafirmamos a necessidade de um acompanhamento psicológico para criança e educador, o que seria fundamental para ajudar nesse o processo de formação e desenvolvimento e aprendizagem da criança agressiva na escola e auxiliar o professor a lidar com esses problemas que enfrentam em sala de aula.

Entendemos que no cotidiano das escolas públicas é muito difícil haver um acompanhamento de um psicólogo escolar que ajude a trabalhar esses problemas, e o que nos

faz refletir diante a fala da autora (ROEDER,2019, p.01) “o trabalho da(o) psicóloga(o) escolar não se restringe à mediação de problemas, mas também no desenvolvimento de trabalhos para melhoria na qualidade e eficiência do processo educacional com foco na promoção da saúde mental de alunos, educadores e funcionários”. Nessa fala acreditamos o quanto é importante o trabalho de um psicólogo escolar, principalmente na fase do processo de desenvolvimento do aluno e assim ajudando a melhorar o trabalho do professor/a. Diante dos fatos vivenciados analisamos a postura da educadora, sua preocupação e angustia diante do problema enfrentado em seu cotidiano escolar, mesmo em meio as dificuldades ela não desiste do aluno, acolhe e tenta trazê-lo para perto, buscando compreender e controlar a situação.

Analisando nossos relatórios diante da prática pedagógica da educadora para trabalhar com a criança agressiva, observamos que não era adotada uma didática, para ser trabalhada diante o problema. A falta de uma prática, mais construtiva e eficaz, tanto na escola quanto em sala de aula é um desafio a ser superado. As atividades lúdicas também são extrema importância para o desenvolvimento cognitivo da criança como o brincar, os jogos e as brincadeiras, assim afirma Silva (2017), quanto mais a criança brinca, maiores serão as chances de ela direcionar sua pulsão agressiva. A carência de uma atividade lúdica que trouxesse uma ação positiva da criança e que transmitisse um aprendizado e interação com o grupo. Sentimos que era preciso haver um trabalho em torno da criança agressiva, onde pudesse trabalhar suas emoções e sentimentos.

Durante a observação diante da criança agressiva, pudemos perceber o quanto ela precisava de atenção, pois não é normal, uma criança machucar os colegas e desobedece a educadora constantemente, através de seus impulsos ele sinaliza que algo está errado, nesta situação seria necessário adotar um planejamento entre escola, família e educador para trabalhar aquele problema, buscar atividades que contribuíssem para controlar seus impulsos com um objetivo de melhorar seu comportamento contribuindo para o desenvolvimento de sua aprendizagem.

Lembramos certa vez que João a criança que era considerada “agressiva”, jogou uma cadeira sobre nós acertando em nossas pernas, sentimos que naquele momento o menino passava por uma situação que o deixava muito angustiado, pois se dava muito bem conosco, ficamos tristes com a situação, porém entendemos que era a forma dele de ser expressar diante do problema em questão. Aragão (2017) explica, a criança dita agressiva pode estar vivenciando uma série de questões na vida dela. Pode estar sofrendo violência em casa (física ou psicológica), vivenciando um processo de separação dos pais ou sendo exposta a diversas

situações onde a violência é a forma básica de relacionamento humano. Portanto, muitas podem ser as causas para que o aluno manifeste um comportamento agressivo. Após a situação vivenciada, sentimos a necessidade de propor atividades que ajudassem a criança a controlar suas emoções e seu comportamento agressivo.

Os impulsos agressivos de João eram frequentes, às vezes conseguíamos controlar, propondo uma atividade que fosse prazerosa para ele e a turma, mas nem sempre conseguíamos cumprir esse objetivo. As atividades lúdicas mais prazerosas eram principalmente a contação de histórias, era um momento de aprendizado tanto para nós quanto para os alunos, víamos seu entrosamento e interação com a turma, havendo uma socialização com o grupo.

A proposta em questão nos remetia as orientações de como a contação de história pode estimular a imaginação da criança podendo auxiliar no seu desenvolvimento cognitivo e socioemocional, compreendemos isto na fala de Faria *et al* (2017) que nos diz que nesse sentido, a criança deve ser inserida em uma cultura que estimule o pensar, o sentir, o expressar e experienciar, os fatores que são componentes da contação de histórias e que despertam a sensibilidade, a emoção e o autoconhecimento, na mesma medida em que a ensina, instrui e a prepara para a vida. Passamos por momentos difíceis durante a intervenção na turma do jardim II, muitas vezes pensávamos em desistir, quando em alguns de nossos relatos no programa do PIBID, falamos do cansaço e da falta de estímulo que sofreu essa profissional, pelo não reconhecimento de seu trabalho, a falta de comprometimento da escola com relação a ela, nos fazia cogitar que tudo era em vão, porém estávamos ali para contribuir, mostrar e levar nosso aprendizado para aquelas crianças, pondo em prática a teoria que aprendemos durante nossa formação acadêmica.

Como futura educadora, não poderíamos deixar de acolher e levar nosso conhecimento, para amparar o desenvolvimento, formação e aprendizado do educando, pois é na educação infantil que a criança desenvolve suas competências para viver uma vida coletiva.

Durante nossas intervenções e vivências no PIBID nos permitiram enxergar as dificuldades que enfrentam estas profissionais, pois em sua formação não receberam um suporte para trabalhar com crianças que apresentam comportamentos agressivos, e a falta de informação como lidar com esse problema.

Finalizamos esta análise, com a percepção de que a educação infantil nos traz a certeza de quanto são importantes o comprometimento e a união entre escola e família para o desenvolvimento e formação da criança, o planejamento e as práticas pedagógicas para

trabalhar as emoções e seus impulsos agressivos, um acompanhamento do psicólogo escolar para auxiliar no processo emocional do aluno e educador e o mais importante de todos o amor pela educação e respeito pelas nossas crianças.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Consideramos que a agressividade na infância há muito tempo é entendida como algo ruim, e que a psicologia vem explicar que essa reação é algo normal do ser humano. Consequentemente essa teoria nos remete a observar o comportamento de algumas crianças em sala de aula em especial na educação infantil. Pois esta é a fase primordial de seu desenvolvimento.

No primeiro contato com o aluno agressivo percebemos a dificuldade de interação com seus pares, pois sua conduta agressiva interfere em seu processo de socialização, o medo que ele ocasiona a seus colegas e sua angústia por não conseguir controlar seus atos impulsivos são preocupantes, porém diante dessa situação a criança se sentirá excluída e por consequência irá agravar em seu comportamento.

Diante dessas questões, levando em conta o contexto familiar e social em que o aluno está inserido, este pode favorecer em seu comportamento seja ele positivo ou negativo dependendo da formação e educação que este possa receber de sua família. É possível perceber que a agressividade na infância, muitas vezes é causada por algum trauma familiar, através de alguns relatos e vivências como das estagiarias na turma do jardim II, observamos as atitudes do aluno agressivo, este vivenciava momentos apreensivos em seu lar, fundamentando sua agressividade. Por outro lado, percebemos que a criança agressiva precisa de ajuda, e não de apenas repressão, um olhar atento as necessidades que ela demonstre que muitas vezes a escola e a família ignora.

Não podemos esquecer que a criança é um ser humano em desenvolvimento que é incapaz de controlar seus impulsos, e sim deve ser instruída pelos adultos seja ele um professor/a, pai, mãe ou outro responsável, que possa orientá-lo quanto a seus atos agressivos.

Quanto as questões que envolvem a criança no ambiente escolar devem ser tratadas a partir de propostas e práticas educativas condizentes a sua realidade, tendo em vista suas necessidades, com medidas que possa ajudar na conduta agressiva do aluno. Na educação infantil a escola tem como objetivo geral propiciar a criança uma educação de qualidade para que o aluno possa desenvolver suas capacidades. Compreendendo que a criança é um ser social em formação que precisa de um acompanhamento que contribua para seu desenvolvimento e aprendizagem, a escola e a família tem um papel fundamental nesse processo.

Neste contexto da Educação Infantil Carvalho e Brostolin (2017) enfatizam, a criança é pensada como um sujeito histórico e de direitos, como ator social de seu processo de socialização e interação, produzindo cultura em seus diferentes espaços e contextos sociais, ou seja, um ser capaz de interferir no mundo ativamente como um sujeito crítico e autônomo. É pensando sobre essas propostas que remete como pensar a educação infantil e as práticas a serem adotadas para desenvolver as capacidades cognitivas da criança.

Aos educadores que enfrentam momentos difíceis por não saber como lidar diante do comportamento agressivo da criança, a necessidade de uma formação adequada, que promova bons resultados em suas práticas pedagógicas em sala de aula, influenciam no comportamento do aluno. Durante nossa pesquisa percebemos com clareza tamanha dificuldade que esses profissionais enfrentam em sala de aula, tendo que cumprir seus objetivos e se reinventar para contornar aquele problema, uma árdua tarefa que na maioria das vezes todo aquele esforço não é reconhecido, provocando no professor certa desmotivação de não encontrar ali no espaço dedicado a continuação da construção de seus saberes, motivação para continuar. Porém como diz na letra da música de Milton Nascimento, *“Mas é preciso ter força, é preciso ter raça, é preciso ter gana sempre”* o educador não deve desistir, ele não é apenas um professor e sim um mediador e transmissor do conhecimento.

Acreditamos que as mudanças devem acontecer internamente, precisamos olhar para a criança “agressiva” como um ser em construção que precisa ser conduzido conforme sua faixa etária respeitando seus limites, ajudando-a a lidar com suas frustrações, compreendendo a necessidade de intervenção para que ela possa superar suas dificuldades nas relações interpessoais, e assim possamos conduzir a criança a desenvolver seu conhecimento e construir seu aprendizado. Para que isto ocorra é necessário oferecer ao professor uma formação continuada que possa suprir as dificuldades ele tem em adotar suas práticas pedagógicas atividades que possa intervir no comportamento agressivo da criança possibilitando um diálogo aberto em busca de soluções, diante dos fatos que aqui foram relatados.

Em nosso processo de formação docente, em especial em nossos momentos vivências na Creche Criança Feliz, percebemos o quanto as educadoras são importantes na vida de um aluno, muitas vezes o mesmo chega à escola precisando de atenção, carinho e cuidado, encontrando no professor esse amparo e acolhimento. As vivências durante a vigência do PIBID nos proporcionaram momentos de muito aprendizado. Este programa de iniciação à docência nos fez aprender na prática as teorias que adquirimos durante nosso processo de formação.

O aluno que nos motivou a realizar esta pesquisa será guardado para sempre em nossa memória e também em nosso coração, pois ele nos ensinou a enxergar que por mais difícil que seja as condições, não podemos desistir de nossos objetivos, que com amor, paciência e luta, chegaremos ao nosso propósito.

Considerando que a pesquisa trouxe para nós um olhar crítico diante das práticas pedagógicas adotadas pela professora, sua insegurança diante das dificuldades encontradas em sala de aula, a conduta agressiva do aluno lhe trazia desespero, mas apesar destes percalços ela seguia firme procurando se reinventar, mesmo não recebendo o apoio necessário, a solução para sanar esse problema não é uma fórmula mágica. Compreender a criança agressiva não é uma tarefa fácil, portanto é de suma importância entender as causas da agressividade, investigar, acolher e orientar, pois só com amor, paciência, autorreflexão e dedicação, podemos transformar a vida de um aluno fazendo valer a pena a profissão do professor como construtor de conhecimento.

Por fim, reiteramos que é de suma relevância as experiências que a atividade prática traz para a formação do profissional ainda durante o curso, pois proporciona e fomenta a discussão como está apresentada neste trabalho, que na maioria das vezes o profissional só irá perceber que não teve na academia o respaldo teórico para resolver ou propor resolução para casos como o estudo por nós apresentado.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Fernanda de Cássia do Nascimento; AGUIAR, Oscar Xavier de. Agressividade na escola ligada a conflitos familiares. **Universitari@**, Lins, ano 7, ed. 15, p. 248-263, 2016.
- ARAGÃO, Milena. 2017. **Agressividade Infantil: a criança, a escola e a família**. Disponível em: <https://www.psicologiasdobrasil.com.br/agressividade-infantil-a-crianca-a-escola-e-a-familia/>. Acesso em: 18 de abr de 2021.
- BAZI, Gisele A. do Patrocínio. **As dificuldades de aprendizagem na escrita e suas relações com traços de personalidade e emoções**. 2003. 139 p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/253206>>. Acesso em: 11 Mar. 2021.
- BNCC, **Base Nacional Comum Curricular/ Educação Infantil**. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/>. Acesso em: 14 de abril, 2021 às 15:23 min
- BOCK, Ana Mercês Bahia FURTADO, Odair. TEIXEIRA, Maria de Lourdes Trassi. **Psicologias**: uma introdução ao estudo da psicologia. 13 ed. São Paulo: Saraiva 2002. 464.p
- BRASIL (LDB), **Lei de Diretrizes e Bases da Educação. Constituição Federal de 1988**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: 28 Abr. de 2021.
- BRASIL. MEC. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/pol_inf_eduinf.pdf. Acesso em: 29 de Abr de 2021.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Pibid**. [S. l.], 19 set. 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/capes/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/educacao-basica/pibid>. Acesso em: 4 dez. 2020.
- CARDOSO, Ofélia Boisson. Visão geral dos problemas da adolescência. In: CARDOSO, Ofélia.Boisson. **Problemas da adolescência**. 5ª edição. Rio de Janeiro: Edições Melhoramentos, 1967. p. 23-45
- CARVALHO, Janaina Nogueira Maia. BROSTOLIN. Marta Regina. Crianças como atores sociais no espaço/tempo da creche: Um olhar pela sociologia da infância. **Nuances: estudos sobre Educação**. Presidente Prudente, v. 28, n. 3, p. 287-305, Set/Dez, 2017.

DIAS, Tatiane de Oliveira; SCHWARTZ, Cristian Bachhi; LISBOA, Caroline Saraiva de Macedo. **Comportamentos agressivos no contexto escolar**. In: BORSA, Juliane Callegaro. BANDEIRA, Denise. Rurschel. (org) **Comportamento agressivo na infância: da teoria à prática**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2014, p. 223-237.

EDUCA MAIS BRASIL. **Educação infantil**. Disponível em: <https://www.educamaisbrasil.com.br/etapa-de-formacao-e-series/educacao-infantil>. Acesso em: 30 de Abr de 2021.

FARIA, Inglide Graciele, *et al.* A influencia da contação de historias na educação infantil. **Mediação**. Pires do Rio, v.12, ed.1, p.30-48, 2017.

FERNANDES, Christiane D' Angelo e SOUZA, Maria Fernanda,. **O papel do educador diante da agressividade, violência e comportamento anti-social**. 2016. Disponível em: <https://fundacaotelefonicaoativo.org.br/noticias/o-papel-do-educador-diante-da-agressividade-violencia-e-comportamento-anti-social/>. Acesso em:17 de abr de 2021.

FRANCO, Maria Amélia Santoro. Pedagogia da Pesquisa-Ação. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v. 31, n. 3, p. 483-502, set/dez, 2005.

GARCIA, Emilio Garcia. VEIGA, Elizabeth Carvalho; **Psicopedagogia e a teoria modular na mente**, São Paulo, São José dos Campus. Pulso.2006. 148.p

GIBIN, Deise, Batista da Silva. **Agressividade Infantil**. Rio de Janeiro. 2012.

GODOY, Arilda Schmidt. **Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades**. **RAE - Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63, 1995.

<http://clinchumaninhos.com.br/a-agressividade-infantil-causas-e-consequencias/#:~:text=Muitas%20vezes%20a%20crian%C3%A7a%20muito,e%20muitas>. Acesso em: 08 de maio de 2021.

LA TAILLE, Yves de, OLIVEIRA, Marta Kohl de, DANTAS, Heloysa. 1992. Piaget, Vygotsky, Wallon – teorias psicogenéticas em discussão. São Paulo: Summus. Disponível em: <http://paraosprofessores.blogspot.com/2013/09/resumo-do-livro-teorias-psicogeneticas.html>. Acesso em: 22 de maio e 2021

LATTARO, Jaqueline Pereira. **Crianças “difíceis”**: Conhecendo e intervindo. Orientador: Telma Pileggi. 2013.67p. TCC (licenciatura em pedagogia)-UNICAMP, Campinas, 2013.

LOPES, Patrícia. Brasil Escola. **Dicas para lidar com o comportamento agressivo na escola.** Disponível em: <https://educador.brasilecola.uol.com.br/orientacao-escolar/dicas-para- lidar-com-comportamento-agressivo-na-escola.htm>. Acesso em: 14 abr de 2021.

LUZ, Iza Rodrigues **A agressividade na concepção de Winnicott e suas implicações para a Educação Infantil.** Aprender- Cad. de Filosofia e Psic. da Educação Vitória da Conquista Ano VI n. 11 p. 109-137 2008.

MAIA, Denise da Silva. BORTOLINI, Marcela. **O desenvolvimento da habilidade de assertividade e a convivência na escola: relato de experiência,** Psicol. rev. (Belo Horizonte) vol.18 no.3 Belo Horizonte dez. 2012. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722008000400022. Acesso em: 8 de Maio de 2012.

MEC.**Política Nacional de Educação Infantil: pelo direito das crianças de zero a seis anos à Educação.** Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/volume3.pdf>. Acesso em: 28 Abr de 2021.

NOGUEIRA, Adrinelly Lemes. **FORMAÇÃO CONTINUADA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: Concepções e Práticas Educadoras.** Revista eletrônica pós graduação. v 11, n°2, 2015 Universidade Federal de Goiás Regional Jataí. Pesquisa. São Paulo, v. 31, n. 3, p. 483-502, set/dez, 2005.

OLIVEIRA, Livia de, **A Construção do Espaço,** Segundo Piaget. Sociedade e Natureza, V.17, n° 33. 2005, pp.105-1177 Universidade Federal de Uberlândia, Minas Gerais.

RODRIGO, Maria José. Desenvolvimento intelectual e processos cognitivos entre os dois e seis anos. p.142-159. In: COLL, César, PALACIOS, Jesús e MARCHESI, Alvaro (orgs). **Desenvolvimento psicológico e educação: psicologia evolutiva.** Porto Alegre.Artmed. 2°ed. 2004. 472p.

ROEDER, Amália. **Focando na saúde mental de alunos e professores, CRP realiza o projeto Psicólogo na Escola.** 2019. Disponível em: <https://horanews.net/focando-na-saude-mental-de-alunos-e-professores-crp-lanca-o-psicologo-na-escola/>. Acesso em: 15 Fev. 2021.

SANTANA¹, Kaline Rocha, SANTANA, Maria da Conceição, BATISTA, Lidna de Omega, BARBOSA, Maria Gilvania Pedrosa, **Agressividade infantil.** 2016

SANTOS, Ellen Fernanda. **Agressividade infantil: Possíveis causas e consequências.** Revista Científica Eletrônica De Psicologia.ano VI, n° 11, Garça, 2008.

SILVA, Roselaine Cardoso. **O Auxílio do Lúdico na Diminuição da Agressividade Escolar**. Orientador: Prof.º Me. Cesar Clemente. 2017.55p.TCC (licenciatura em pedagogia) –Faculdade Calafiori. São Sebastião do Paraíso, 2017.

SOUZA, Maria Abigail de. CASTRO, Rebeca Eugênia Fernandes de. **Agressividade infantil no ambiente escolar: concepções e atitudes do professor**. Universidade de São Paulo-USP

VIGOTSKY, Lev Semionovich. **A formação social da mente**. Livraria Martins Fontes Editora Ltda. São Paulo - SP 1991 4ª edição brasileira.

WINNICOTT, Donald Woods. As raízes da agressividade. In: WINNICOTT, Donald Woods. **A criança e o seu mundo**. 6. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1982. p. 262-270.